

BIBLIOTECAS COMUNITÁRIAS EM REDE: UMA EXPERIÊNCIA DE RESSIGNIFICAÇÃO DE TERRITÓRIOS

Maria Aparecida Arias Fernandez (CCLF) - fernandezcida@gmail.com

YASMIN Wink FINGER (RNBC) - yasminfinger@gmail.com

Resumo:

Este artigo visa destacar como a biblioteca comunitária impacta na resignificação dos territórios para os habitantes das comunidades onde estão inseridas. Para tanto tomam como referência os resultados da pesquisa Bibliotecas Comunitárias no Brasil: impactos na formação de leitores, realizada numa parceria entre o Centro de Cultura Luiz Freire (CCLF), o Grupo de Pesquisas Bibliotecas Públicas (GPBP), da Universidade Federal do Rio de Janeiro (Unirio), e o Centro de Estudos de Educação e Linguagem (CEEL), da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), e que contou com o apoio do Instituto C&A e da Fundação Itaú Social. A partir dos dados da pesquisa, as autoras provocam reflexões articuladas às suas próprias experiências e observações na consultoria ao Programa Prazer em Ler (PPL) e na assessoria direta à Rede Nacional de Bibliotecas Comunitárias (RNBC) em nível local e nacional. As reflexões são costuradas com os relatos dos respondentes da pesquisa: leitores, mediadores de leitura, gestores, bibliotecárias e/ou parceiros das bibliotecas comunitárias entrevistados. Conclui que a identidade e participação ativa dos moradores e moradoras nessas experiências fortalecem vínculos e conseqüentemente a sustentabilidade desses equipamentos e deveriam inspirar estudos do poder público para contribuir com o desenho de políticas públicas para o setor. Destaca, ainda, a evidência da articulação em rede como uma estratégia de ocupação de espaços de incidência nas políticas públicas a fim de conquistar o direito de acesso ao livro, à leitura, à literatura e às bibliotecas.

Palavras-chave: *bibliotecas comunitárias; enraizamento comunitário; resignificação do território*

Eixo temático: *Eixo 2: Não devemos deixar ninguém para trás*

BIBLIOTECAS COMUNITÁRIAS EM REDE: UMA EXPERIÊNCIA DE RESSIGNIFICAÇÃO DE TERRITÓRIOS

INTRODUÇÃO

As bibliotecas comunitárias são um fenômeno cada vez mais presente nas comunidades periféricas de todo o Brasil. Não existe um censo a respeito do número desses equipamentos culturais, que são criados, em grande parte, por moradores das próprias comunidades. Entretanto, em 2006, foi criado pelo Instituto C&A, um programa de formação denominado Programa Prazer em Ler (PPL). Inicialmente esse Programa apoiou projetos específicos de formação de leitores, em seguida passou a apoiar bibliotecas comunitárias, elaborando uma metodologia de qualificação de eixos relacionados a espaço, acervo, mediação e gestão para a formação das pessoas que realizavam as atividades nesses espaços. Em 2007, começaram a surgir articulações em rede entre as bibliotecas presentes em três territórios: Região Metropolitana do Recife (Olinda, Recife e Jaboatão), Salvador e Porto Alegre. Sensível a essa estratégia a partir de 2010, o PPL passou a apoiar projetos articulados em redes locais, denominadas Polos de Leitura. Em 2015, essas bibliotecas comunitárias já organizadas no que agora se denominavam Redes Locais, criaram a Rede Nacional de Bibliotecas Comunitárias (RNBC). Entre 2006 e 2018, o PPL foi apoiado pelo Instituto C&A, atualmente é apoiado pela Fundação Itaú Social, e segue fortalecendo o desenvolvimento dessa articulação em Rede.

Este trabalho inspira-se na pesquisa *Bibliotecas Comunitárias no Brasil: impacto na formação de leitores*, que dedica um capítulo à temática da organização política e resistência comunitária, que nos revelou o potencial de mudança da imagem que as próprias comunidades tem de si, a partir da sua organização e da gestão desse equipamento e do acesso à leitura, aos bens simbólicos e materiais da cultura letrada¹, evidenciando como as bibliotecas comunitárias, por meio de sua singularidade, estabelecem diálogos e ações que fortalecem o pertencimento, permitindo que moradores e moradoras das comunidades passem a enxergar seus territórios de forma diferente, não mais pela ausência, pela carência, mas pela potencialidade, pela riqueza de seu universo humano diverso.

UNIVERSO DA PESQUISA

A pesquisa realizada entre janeiro de 2017 e julho de 2018, apoiada pelo Instituto C&A (IC&A), foi coordenada pelo Centro de Cultura Luiz Freire em parceria com o Centro de Estudos em Educação e Linguagem (CEEL) da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e o Grupo de Pesquisas Bibliotecas Públicas no Brasil (GPBP) da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio).

Foram pesquisadas 143 bibliotecas comunitárias (BCs), em 45 cidades de 15 estados e do DF. Dessas 143 BCs, 92 (65%) delas estavam articuladas à Rede Nacional de Bibliotecas Comunitárias (RNBC). A RNBC criada em 2015, contava à época da pesquisa com 115 integrantes, ou seja, 80% delas foram contempladas pela pesquisa. Estas 115 BCs encontravam-se, à ocasião, distribuídas em 12 redes

¹ GABÃO, Ana Maria de Oliveira. Cultura escrita. Glossário Ceale. Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)/ Faculdade de Educação/ Grupo de Estudos e Pesquisas em História da Educação (GEPHE). Fonte:

<http://ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/cultura-escrita>

Acessada em 25 de abril, de 2019.

locais, presentes nas regiões Norte, Nordeste, Sul e Sudeste do país e mobilizavam anualmente em torno de 200 mil pessoas.

RESULTADOS: Sobre as bibliotecas comunitárias e a ressignificação dos territórios

Segundo a pesquisa, 85,3% das BCs foram criadas para ser um espaço de promoção da leitura e/ou formação de leitores, 11,2% indicam “ser um espaço de referência para a comunidade”, que podemos traduzir como um lugar de “empoderamento”² da comunidade. Isso porque são locais de acolhimento, escuta, debates, expressão e construção de novas possibilidades. Esses locais oportunizam o acesso à cultura letrada, a informações, à arte em suas diversas linguagens, e, ainda, à convivência cultural coletiva tão caras às populações negras, pobres e de territórios periféricos deste país. Essas bibliotecas sustentam-se e fazem sentido, justamente porque são implementadas pelas cidadãs e cidadãos que se sentem usurpados do acesso a esses bens e criam estratégias para alcançá-los. Por isso a BC não é apenas um serviço de acesso ao livro e à leitura, ela é um serviço de referência para os moradores e moradoras porque os permitem construir outras possibilidades; sair do que está posto. A biblioteca comunitária não está “a serviço da comunidade”, ela é a própria comunidade gestando e qualificando os serviços de informação tão caros para si.

Essa pesquisa nos revelou que essas bibliotecas comunitárias são espaços organizados, planejados em seu desenvolvimento, com material impresso selecionado, além de outros suportes informacionais, com processos técnicos estabelecidos para atender as especificidades de suas comunidades. Soma-se a isso, a singularidade desses equipamentos justamente pelo conhecimento que as pessoas/profissionais que nele atuam têm com a comunidade. Esses equipamentos desenvolvem-se a partir do diálogo e da gestão compartilhada que abre as portas para o sentimento de pertencimento da comunidade em relação ao bem cultural constituído em seu território. Tudo isso é feito com muito esforço coletivo para o levantamento de recursos financeiros que viabilizem a realização das suas atividades, seja por meio de projetos apresentados a editais públicos e privados, rifas, cotas, vaquinhas feitas entre os grupos comunitários, e moradores e moradoras que as mantêm, entre outras alternativas.

Outro aspecto revelado pela pesquisa, é o quanto as bibliotecas da RNBC construíram uma percepção sobre a importância da sua articulação tanto com outras bibliotecas comunitárias quanto com outros movimentos sociais. Essa percepção permitiu um aprofundamento na significação desses equipamentos, como se fossem missangas (bibliotecas) irmanando-se no fio (vínculos), tecendo um colar único, colorido e diverso. Ao olharem umas para as outras, os olhares melhoram-se mutua e continuamente. Como diz o poeta Arnaldo Antunes: “o seu olhar melhora o meu”. Melhoram o jeito de se ver e o jeito de fazer de cada uma, tanto em relação ao espaço físico, acervo, mediação, etc. Mais do que isso nos revelaram que, ao longo do tempo esses olhares expandiram a consciência sobre as ações, provocando a visão para o que chamamos dimensões estratégicas: a comunicação interna e

² Ação social coletiva de participar de debates que visam potencializar a conscientização civil sobre os direitos sociais e civis. Fonte: <https://www.significados.com.br/empoderamento/> Acessada em 25 de abril, de 2019.

externa, a mobilização de recursos, o enraizamento comunitário e a incidência em políticas públicas, como ações intencionalmente planejadas.

AS REFLEXÕES: A inalcançável habilidade de leitura

A leitura e a escrita, há tantos séculos sequestradas, tornaram-se um obstáculo quase intransponível para boa parte dessas populações. Superar esse obstáculo é um desafio imenso: precisa de acesso, precisa de acolhida, precisa de apoio para superar especialmente a barreira simbólica da incompetência, gerada pela falta de acesso à escola ou do próprio fracasso escolar, da “falta de inteligência”. Esse sentimento de impotência frente ao direito de ler e de escrever faz do direito à leitura, um direito estruturante para acessar outros direitos, inclusive o direito de mudar sua própria história e a história de sua comunidade:

[...] quando alguns membros da comunidade, líderes e agentes sociais, professores ou pais e mães de família, tomam a iniciativa de criar uma biblioteca mudam os olhares que os moradores do território têm sobre si mesmos, sobre suas capacidades de acessar algo que consideravam distante e inalcançável, passam a dar valor a si mesmos e isso se converte em motivo de orgulho para o resto da comunidade. Superam-se tabus imaginários e representações sobre o livro e a leitura e ser leitor se converte para eles em algo possível e desejável.” (FERNANDEZ, M. A. A. ; MACHADO, E. C. ; ROSA, E. C. S., 2008, p. 10).

O eterno espaço da pobreza: a morte e a exclusão

Da mesma forma que simbolicamente a falta do acesso a esses bens culturais mobilizam um sentimento de baixa estima, de incompetência, a pobreza material, a falta de saneamento, de asfalto, de equipamentos de saúde, cultura e educação gera a marginalização social e o sentimento de exclusão, rebatendo na imagem negativa da comunidade, marginalizando seus moradores. Existe uma estrutura organizada de comunicação na sociedade que ajuda a manter as coisas como estão. Nos jornais impressos, rádio e televisão essas comunidades aparecem recorrentemente nas temáticas que envolvem a violência e a banalização dos direitos humanos, o que impacta na forma como essas pessoas se enxergam e enxergam suas comunidades. Como afirmam depoimentos dos/as participantes dos grupos focais da pesquisa: coletados nos grupos focais da pesquisa³:

Tem uma imagem negativa que foi construída em torno da nossa comunidade. Uma comunidade marginalizada. Estamos localizados em um ponto bem no centro de outros bairros. É uma comunidade que está perto de bairros nobres e nós continuamos aqui, com poder aquisitivo baixo, e eles não nos vêem como somos, eles têm medo da gente [...] (GF10). p. 43

Eu já deixei de ser contratada pra trabalhar numa casa de família quando falei que morava no [...]. Os jornais, a tv só noticiam as coisas ruins que acontecem aqui.” (GF09). p. 43

³ Os depoimentos citados foram coletados na segunda etapa da pesquisa, através da realização de grupos focais (GF). Participaram dos grupos focais mediadores/as de leitura, gestores/as, leitores/as e outros segmentos de parceiros e frequentadores/as das bibliotecas em seus territórios.

Outro aspecto que a pesquisa revelou foi a transformação física dos espaços ocupados das bibliotecas, originalmente essas ocupam o espaço possível: uma ruína, um galpão semiabandonado, uma pequena casa cedida ou alugada. Esses espaços, muitas vezes, são pequenos, carentes de iluminação e ventilação, quentes e inadequados. O trabalho é feito em mutirões. Juntam-se pessoas e pratas, braços e bolsos e pouco a pouco os espaços vão sendo transformados, com o investimento de cada um e cada uma. Desse modo, um pedaço de cada morador que se envolveu somou-se simbolicamente a esse novo ente adaptado coletivamente, assim pouco a pouco o pertencimento vai se constituindo, a partir do fortalecimento dos vínculos.

Encontramos espaços construídos pelas comunidades, em sistema de mutirão, para sediar a biblioteca, mas a maioria dos espaços onde estão instaladas não foi concebido para ser uma biblioteca, em alguns casos os espaços foram ressignificados pelo grupo, anteriormente utilizados como locais “de desova”, ponto de tráfico ou prostituição, assumem o papel de espaços de leitura e de cultura no território, num indício concreto de resistência cultural. (FERNANDEZ, Cida; MACHADO, Elisa; ROSA, Ester, 2018, p. 10).

A literatura como oportunidade e resistência

Destacamos ainda, o quanto o direito à literatura tem empoderado, especialmente a juventude para se rever e rever seu território. Não é à toa que a cada dia surgem novos movimentos literários nas periferias, tanto com produção autoral, quanto com estratégias de acesso, disseminação e consumo. São grupos, associações, organizações informais de escritores, poetas, editores cartoneiros, ditos marginais, geralmente são jovens negros e da periferia. Mais recentemente, vem crescendo o número de coletivos de mulheres, realizando saraus, slams, rodas de leitura, debate, batalhas, conversas, enfim... e com isso renovam seus olhares, suas expectativas, desejos e pertencimentos com esses lugares e seus habitantes:

Porque eu fui uma menina que sempre voltou pra zona oeste, sempre achando que as coisas bonitas estavam lá. O mundo dizia pra mim que tinha um lugar de beleza e aqui era o lugar de feiura. E eu descubro, depois de 10 anos que o sarau existe, que era do lado da casa da minha mãe e eu não sabia porque eu tinha saído há 10 anos pra zona oeste, fui morar lá, então quando eu volto, o sarau muda toda a minha vida. Vejo um movimento de resistência, vejo uma literatura periférica, que eu não conhecia, vejo tudo o que eu buscava nos outros espaços acontecerem aqui. A cultura popular, a militância, as pessoas lutadoras. (GF06) p. 43-44

No meu bairro, a gente até brinca que só é lembrado em época de eleição quando o pessoal sobe a rua. Depois disso não tem. Não tem absolutamente nada. A gente é totalmente esquecido. Aqui, a biblioteca, quando eu conheci, nó! O bairro tem uma biblioteca! O negócio está mudando mesmo porque realmente não tem nada. O tanto de pessoas que estão crescendo com uma mentalidade diferente. Estão buscando mais ser diferentes. Aceitando mais a partir do pouco que é oferecido. [...] (GF07) p. 44-45

O fazer coletivo como força motriz da resistência e da transformação

No decorrer da pesquisa foi ficando evidente o quanto o movimento coletivo é uma força motriz para que as pessoas juntem-se e acreditem no potencial de transformação que tem. Ao se juntarem indivíduos, grupos e instituições são

materializados sonhos. Como dizia o poeta Raul Seixas: “sonho que se sonha junto é realidade”! Conforme conclui outro/a participante da pesquisa:

As ações positivas realizadas pela biblioteca, junto com os outros grupos e instituições [...] têm de fato modificado o olhar das pessoas sobre a comunidade (GF09) p.115.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A identidade das bibliotecas comunitárias com as comunidades, a participação ativa de moradores e moradoras, o envolvimento co-responsável pela organização, manutenção, desenvolvimento e sustentação dessas experiências deveriam ser estudados pelo poder público para o desenho de políticas públicas para o setor do livro, leitura, literatura e bibliotecas. Essas experiências dizem muito do que são os serviços e produtos que as comunidades reivindicam e como enxergam que esses serviços e produtos podem promover a sua mobilidade social, mais equidade e justiça em seus territórios.

A pesquisa evidencia ainda, como essa articulação em rede favoreceu a incidência de representantes comunitários nos espaços de construção das políticas públicas, tais como conselhos de direitos, comitês executivos para a elaboração de planos municipais e estaduais, e revela como esses equipamentos ressignificam a relação da comunidade consigo mesma.

A experiência foi financiada pelo Instituto C&A e a publicação final contou com o apoio da Fundação Itaú Social e da própria Rede Nacional de Bibliotecas Comunitárias.

REFERÊNCIAS

INSTITUTO C&A. **Prazer em Ler**: dez anos de fomento à leitura literária. Volume I Polos de Bibliotecas Comunitárias, uma história de parcerias para a garantia do direito à leitura. Brasil, 2016. 125p.

FERNANDEZ, Cida ; MACHADO, Elisa ; ROSA, Ester, colaboração: LEITE, Camila; BANDEIRA, Carmem Lúcia; DUBEUX, Maria Helena. Prefácio: Sílvia Castrillón. **O Brasil que lê**: bibliotecas comunitárias e resistência cultural na formação de leitores. Olinda: CCLF, Brasil: RNBC, 2018. 200p.